ISSN 2446-5542

RESILIÊNCIA DOCENTE E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NAS TRILHAS DA AMBIÊNCIA [TRANS]FORMATIVA

Neiva Viera Trevisan*

Resumo: O artigo visa pôr em discussão a relação entre resiliência docente e o processo de formação de professores tendo como objetivo compreender como ocorre o processo de resiliência docente na Educação Superior. Para tanto, busca reconhecer como se desenvolvem os processos de retomada de aprendizagens e de [auto]formação docente na profissão, uma vez que existe uma forte tendência em nossas universidades do atendimento à lógica do mercado, deixando lacunas no que tange a formação humana do docente para o ensino superior. Objetiva-se desenvolver argumentos inédito-viáveis à tese de que ambiências [trans]formadoras, por intemédio das [inter]influências entre condições objetivas, subjetivas e intersubjetivas, podem favorecer os processos resilientes, tendo como horizonte a autoformação de professores na Educação Superior e o processo contínuo de retomada de aprendizagens docentes. Para isso, serve-se de alguns aportes da fenomenologia e da hermenêutica, especialmente no sentido de desenvolver determinadas premissas que permitam perceber como as pessoas compreendem os significados dos eventos adversos que lhes dizem respeito à profissão.

Palavras-chave: Resiliência docente. Educação superior. Autoformação. Formação de professores.

Introdução

O trabalho busca compreender aspectos inter-relacionais que dificultam/possibilitam ambiências favoráveis às mediações socioculturais de atitudes resilientes dos professores na Educação Superior. Uma vez que o processo de formação docente acontece na perspectiva de um contexto ideal, estando em grande parte voltado ao atendimento das políticas do mercado profissional, o trabalho visa identificar as estratégias de busca por alternativas/possibilidades para melhor repensar situações que causam dificuldades ao desenvolvimento pessoal/

* Doutoranda pela Universidad Autónoma de Madrid – UAM – Espanha. E-mail: neivavtrevisan@gmail.com

profissional, bem como reconhecer como se desenvolvem os processos de retomada de aprendizagens e de [auto]formação docente no movimento da carreira docente. É certo que, para isso, é preciso inferir intervenções apropriadas ao contexto acadêmico, para que se desenvolva a mediação sociocultural aos processos resilientes e à ambiência auto[trans]formadora.

A resiliência é um termo francês relativamente recente no contexto da educação, surgido do latim *resilientia* e reveste-se de vários significados, ou antes, vários são os especialistas das mais variadas áreas, que abordam este conceito, ou porque o conhecem na sua área ou porque transferem o conceito de outras áreas para a sua área de conhecimento. "Etimologicamente, a palavra resiliência com origem latina em *resilio*, significa voltar ao estado natural ou voltar ao estado anterior, saltar para trás ou retrair-se" (JARDIM & PEREIRA, 2006, p.164).

O conceito surgiu na física de materiais para designar a resistência do objeto a choques elevados para absorver a energia cinética do meio sem se modificar. Já na metalurgia refere-se à qualidade dos materiais pela sua capacidade de conseguirem voltar ao seu estado inicial, a seguir a um choque, ou a uma pressão contínua. E na informática diz respeito à qualidade de um sistema continuar a funcionar apesar das anomalias.

Só recentemente, nos inícios dos anos oitenta, a utilização deste conceito se propagou à psicologia e às ciências sociais e "depressa encontrou adeptos no domínio social, comportamental e cognitivo" (ANAUT, 2005, p. 50). Mediante a pesquisa sobre o conceito de resiliência é possível identificar três gerações de estudos nesta área e, nesse trabalho, pretendemos compreender não só a capacidade de resiliência de cada professor, como característica individual de reagir positivamente perante as adversidades, mas também assumir uma nova perspectiva de resiliência. O objetivo é saber de que forma estão sendo criadas condições e estruturas de apoio para a promoção da resiliência dos professores no ensino superior, na medida em que cada um deles passou também a ser considerado "um agente da sua própria ecologia e adaptação social" (INFANTE, 2005, p. 34).

Desse modo, os processos resilientes na docência são compreendidos no *continuum* de desenvolvimento profissional no exercício da docência, planificados e dinamizados por meio da ação dialógico-afetiva-reflexiva. As interfaces entre pesquisa-formação-prática profissional ocorrem, nesse processo, por meio das conexões entre "ações, reflexões, decisões e inovações" (MACIEL, 2006). Uma vez tomadas algumas categorias caras a esse contexto de discussão, como problematização, reconstrução e inovação, pode-se pensar em um modelo

teórico de autorrealização e desenvolvimento profissional, estreitando os laços de solidariedade entre instituições formadoras e os indivíduos.

Para isso, será buscado apoio na fenomenologia-hermenêutica conforme definem os estudos de Beltrán; Igea y Agustí (2003, p. 220): "La fenomenologia es la investigación sistemática de la subjetividad, su meta es el estudio del mundo tal como se nos presenta en y a través de la consciência".[1] Ou seja, cumpre investigar como os dados sobre a resiliência são tratados na ambiência do professor, como eles os significam e os tratam do ponto de vista de sua elaboração conceitual e os tornam realidade em suas vivências.

Já o termo "hermenêutica" provém do verbo grego "hermēneuein" e significa declarar, anunciar, interpretar, esclarecer e traduzir. Foi muito utilizada para a interpretação das escrituras sagradas. Significava exegese ou método para encontrar o significado oculto do texto, visando buscar a compreensão do significado que está por trás da expressão. É a arte da interpretação, pois ela busca a compreensão dentro do contexto histórico dos acontecimentos. Preocupa-se também com a interpretação subjetiva da realidade já interpretada. O encontro com o texto histórico e o intérprete é dialógico, havendo uma fusão de horizontes entre o intérprete e o contexto histórico de interpretação.

Não se opta pela referência a métodos experimentais com teste de hipóteses simplesmente, tendo como objetivo último a formulação de teorias explicativas de relações causais, e sim, a base do conhecimento é a experiência subjetiva imediata dos fatos tal como os atores a percebem. Buscaremos um estudo dos fenômenos pela perspectiva dos sujeitos implicados, considerando o seu marco referencial, pois interessa conhecer como as pessoas experimentam e interpretam o mundo social. O professor emerge assim como uma pessoa e um ator crítico e interveniente que questiona os valores políticos, sociais, culturais e econômicos que sobredeterminam a ação das escolas/univesidades, dos professores e da própria investigação. A racionalidade prática e a racionalidade crítica se complementam para a centração na busca da autonomia dos professores, sendo utilizada a pesquisa como estratégia de formação. Afinal, não existe mais ciência neutra como se pensou no positivismo, as compreensões do investigador são sempre influenciadoras da realidade externa e interna, de si mesmo, do outro e do mundo circundante.

Sendo assim, em um primeiro momento pretendemos tratar a definição e o histórico do termo resiliência e sua relação com a educação. Em sequência faremos uma incursão pelas

[1] "A fenomenologia é a investigação sistemática da subjetividade, o seu objetivo é estudar o mundo como ele se apresenta na e através da consciência."

motivações que levam a pensar na hipótese da importância desses estudos na Educação Superior.

1 Definições e origem do conceito de resiliência frente a complexidade na contemporaneidade

É importante nesse primeiro momento tentarmos clarificar o conceito de resiliência para perceber como os diferentes autores a definem, e, em seguida, procurar transpor o conceito à educação e ao nosso estudo em particular, ao ensino superior.

Na literatura especializada da psicologia e das ciências sociais são inúmeras as definições e concepções de resiliência, daí a necessidade de realçar algumas que nos pareçam mais pertinentes com o nosso objeto de investigação, na medida em que grande parte dos referenciais teóricos que tratam desta temática, de certa forma, sugerem apontar para um "processo complexo que resulta da interação do indivíduo com o seu meio ambiente" (ANAUT, 2005, p. 44). Numa "primeira abordagem da resiliência, diremos que é a capacidade de sair de uma prova que poderia ter sido traumática, com uma força renovada" (Ibid., 43).

Observa-se, portanto, nesse primeiro momento, que a resiliência carrega elementos de superação diante do trágico, do traumático e da catástrofe. A autora especifica melhor ao definir a resiliência como

> a arte de se adaptar às situações adversas (condições biológicas e sociopsicológicas) desenvolvendo capacidades ligadas aos recursos internos (intrapsíquicos) e externos (ambiente social e afetivo), que permitem aliar uma construção psíquica adequada e a inserção social (Id. Ibid.)

A partir deste posicionamento verificamos ser a resiliência a arte de adaptação às condições desfavoráveis que os indivíduos se deparam, envolvendo aspectos intrapsíquicos e de cunho social e emocional.

Por sua vez, para Grotberg (2005, p.15) resiliência é a "capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade". A partir deste posicionamento, observamos como elementos da resiliência o enfrentamento, superação e fortalecimento dos indivíduos e por conseqüência a tranformação decorrente de experiências adversas. Segundo Manciaux, Vanistendael, Leconmte e Cyrulnik, citados por Anaut (2005, p. 44-45) "a resiliência é a capacidade de uma pessoa ou de um grupo se desenvolver bem, se

continuar a projetar no futuro apesar de acontecimentos desestabilizantes, de condições de vida difíceis, de traumatismos por vezes graves". De acordo com os autores, a superação diante das adversidades e de eventos extremos podem ser pressupostos de continuidade de projetos futuros. Infante se baseia nos estudos de Luthar et al (2002, p. 26) para assinalar que "a resiliência tenta compreender o processo dinâmico de adaptação positiva em contextos de grande adversidade". Jardim e Pereira (2006, p.164) assumem a resiliência como "a capacidade de operacionalizar atitudes e habilidades no sentido de prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos de crises e adversidades".

Desse modo, numa primeira geração dos estudos, o conceito de resiliência centrou-se na abordagem individual, como característica inata dos indivíduos, considerado um atributo de personalidade ou uma capacidade inerente a alguns seres humanos. Ou se tinha ou não se tinha resiliência, partindo-se do princípio que a mesma não se desenvolve. Numa segunda geração, a resiliência é assumida como um processo, tornando-se possível sugerir que, para desenvolver um modelo de resiliência, é necessário definir adversidade e adaptação positiva e descrever o processo de conexão entre ambas. Importa compreender os processos e mecanismos que influenciam positivamente a adaptação após a adversidade e de que forma é que os subsistemas do desenvolvimento humano contribuem para uma maior resistência na sua trajetória perante o risco. "Paralelamente, surgiu uma terceira geração de estudos, direcionada para a exploração de modelos de intervenção e de promoção da resiliência" (ANTUNES, 2010, p. 205), os quais indicam a importância de identificar os fatores que promovem a resiliência, chamados fatores de proteção, e os que dificultam o desenvolvimento dessa capacidade, chamados fatores de risco. Neste caso,

> os fatores de proteção têm que ver com elementos variados: características, capacidade e comportamentos das pessoas, de origem individual, familiar e extrafamiliar, que contribuem para a proteção do sujeito, no sentido de atenuar o impacto das experiências adversas (ANAUT, 2005, p. 51).

Esses fatores são múltiplos e dependem da forma como se articulam em rede para permitir que o indivíduo desenvolva as suas potencialidades para sobreviver numa realidade cada vez mais difícil. Dessa forma, fatores endógenos e exógenos se combinam para criar dispositivos que permitem ao indivíduo se adaptar às realidades num primeiro momento e, ao se tornar flexível, também as transforme. Por isso, ainda segundo Anaut, as

> investigações sobre os fatores de proteção mostram que a proteção resulta, por um lado, de variáveis genéticas e constitucionais, das disposições e das características

> da personalidade, dos suportes do meio (familiar e extrafamiliar) mas também da disponibilidade, da acessibilidade e da qualidade dos suportes sociais (Id. Ibid.).

A resiliência vem sendo defendida como algo dinâmico, como bem explica Grotberg (2005), quando diz que "as situações de adversidade não são estáticas, mudam e requerem mudanças nas condutas resilientes" (p. 17). Ao sustentar a noção dinâmica de resiliência, a autora define a interação de fatores resilientes advindos de três níveis: suporte social (eu tenho), habilidades (eu posso) e força interna (eu sou e eu estou). Esses fatores interagem e estabelecem uma relação dinâmica no percurso vital e profissional. Desse modo, resiliência é um conceito importante para o desenvolvimento profissional docente, uma vez que pode contribuir para maior compreensão acerca do processo de construção do conhecimento de si, do outro e do mundo, muitas vezes desafiado pelas adversidades com as quais os professores se deparam ao longo de sua carreira.

Sendo assim, do atributo de algumas pessoas as pesquisas concluíram que a resiliência pode ser aprendida/desenvolvida ou "provocada" pelo autoconhecimento, pela autoformação e pela via da formação continuada, uma vez que:

> A resiliência é a capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma característica (poderíamos dizer características?) de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente (PLACCO, 2001, p. 8).

Após a leitura de várias definições podemos arriscar dizer que a resiliência é a capacidade do indivíduo não só de sobreviver perante situações muito difíceis ou perante obstáculos que à partida lhe pareciam intransponíveis, mas essencialmente de se reerguer e sair renovado dessas situações.

2 A resiliência como processo: uma aproximação com o cenário educacional

Segundo alguns estudos efetuados essencialmente com crianças e adolescentes, os especialistas começaram a assumir a resiliência não como uma capacidade do indivíduo, um traço de personalidade ou atributo pessoal que o leva a conseguir corresponder a uma

resistência ao choque. Nessa perspectiva, ela é vista como "um estado que pudesse implicar a paralisia do sujeito: uma carapaça sólida, mas impenetrável que resultasse em rigidez, o que se afasta completamente da maleabilidade necessária à resiliência" (ANAUT, 2005, p. 46). E sim, ela passa a ser considerada "um modelo de compreensão do sujeito humano" (Ibid., p. 50), e é esta compreensão, de um ser humano real diante da complexidade da contemporaneidade, e não uma caricatura idealizada, que interessa aos processos de formação de professores.

A partir dos anos 90 o problema da resiliência orientou-se mais para o estudo dos fatores de proteção, começou-se a dar cada vez maior importância aos mecanismos internos do sujeito para fazer face a uma situação traumática. Contrariando o que de início se pensava, como dissemos antes a resiliência deixa de ser avaliada como uma característica individual, própria apenas de alguns, como se de uma qualidade inata se tratasse, e passa a reconhecer-se que um indivíduo pode ser mais ou menos resiliente conforme o seu estado. Isto é, passou-se a observar que tudo depende se o sujeito está mais fortalecido ou mais fragilizado, conforme o momento ou fase de vida em que se encontra, mas essencialmente conforme a interação com o contexto ou com as mudanças que ocorrem no seu ambiente envolvente. Verifica-se portanto, que de uma concepção de certa forma marcada por uma tendência inatista, a resiliência assume o indivíduo na sua integralidade, ou seja, enquanto processo aberto e sujeito a ser adquirido.

De acordo com Yunes e Szymanski (2005) focalizar a questão da resiliência na perspectiva individual dificulta o estudo do próprio conceito porque é importante analisá-la como processo na perspectiva ecológica, ou seja, devem ser consideradas todas as esferas de influência presentes ao longo do ciclo de vida das pessoas, para compreender as relações interpessoais sujeitas a influências sociais, culturais e históricas. A resiliência, percebida como um longo processo de aquisição de conhecimentos e habilidades, permite outra perspectiva até então desvalorizada, que é a possibilidade de esta capacidade ser promovida e fortalecida nos indivíduos ao longo de toda a vida, para que tal adaptação positiva se processe perante as situações de enfrentamento das dificuldades. A respeito desta questão, Infante assim observa:

> A noção de processo permite entender a adaptação resiliente em função da interação dinâmica entre múltiplos fatores de risco e de resiliência, os quais podem ser familiares, bioquímicos, fisiológicos, cognitivos, afetivos, biográficos, socioeconómicos, sociais e/ou culturais. A noção de processo descarta definitivamente a concepção de resiliência como um atributo pessoal (2005, p. 30).

Segundo a autora, a resiliência é um processo dinâmico envolvendo multifatores, dentre os quais, familiares, cognitivos, afetivos, biográficos, descartando, ou proporcionando avanços significativos no sentido de superação da posição inatista, ou seja, como centrada somente num atributo pessoal ou genético. Assim o conceito de resiliência mudou a maneira de compreender o próprio ser humano, porque permitiu vê-lo não como um modelo de risco, num emaranhado de necessidades, capaz ou não de por si só ultrapassar as suas dificuldades. A etapa seguinte promoveu um modelo de prevenção e promoção que ajuda a aumentar a capacidade do ser humano de resistir às infelicidades, baseado nas potencialidades e recursos que tem em si e ao seu redor. Ele passa a ser, assim: "Um indivíduo que não mais apenas 'carece' e 'adoece', mas que é capaz de procurar seus próprios recursos e sair fortalecido da adversidade" (Idem, p. 34). Nesta direção pode-se destacar a importância da eco pedagogia para um maior entendimento do espaço habitado pelos seres humanos, tanto no que se refere às dimensões da biosfera, sociais, institucionais e mentais, promovendo uma cultura da sustentabilidade e que valoriza o equilíbrio entre seres vivos e não viventes.

Infante (Ibid.) distingue três componentes essenciais que devem estar presentes no conceito de resiliência e que permitem criar um modelo para elaboração de programas de promoção das potencialidades do indivíduo:

> 1. A noção de adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento humano; 2. A adaptação positiva ou superação da adversidade; 3. O processo que considera a dinâmica entre mecanismos emocionais, cognitivos e socioculturais que influem no desenvolvimento humano.

Diante de eventos extremos, da noção de adversidade enquanto ameaça, há necessidade de um processo de adaptação voltado à superação das desventuras e projetos que apresentem em sua concretude elementos que influem no desenvolvimento humano, ou seja, o dinamismo relacionado ao emocional, cognitivo e sociocultural. Assim a resiliência vista como processo descarta definitivamente a concepção de resiliência como um atributo pessoal e incorpora a ideia de que a adaptação positiva não é uma tarefa apenas do indivíduo, mas que a família, escola/universidade, comunidade e sociedade devem criar recursos para que o indivíduo se possa desenvolver mais plenamente (Ibid., 2005). Portanto, este processo não acontece de forma fragmentada, mas parte do indivíduo e do esforço das instituições que se encontram no seu entorno.

Prosseguindo sua análise a respeito da resiliência, Infante (Ibid.) utiliza ainda o termo "*ordinary magic*", magia cotidiana, a partir dos estudos de Masten, para se referir à

capacidade de resiliência de um indivíduo em contextos de adversidade extrema, e que perante tais situações, ainda assim, o indivíduo é capaz de encontrar recursos para superá-las. No entanto, ao assumirmos a resiliência não como "responsabilidade única do indivíduo, mas de toda a ecologia que o rodeia" (Idem, p. 34) importa-nos compreender a resiliência dos professores do ensino superior como garantia de êxito como efetividade do processo educativo dos alunos na promoção da qualidade do ensino, mas de um ensino socialmente referenciado. Sendo assim, a partir desta perspectiva busca-se a comparação com a área da intervenção psicossocial, onde "a resiliência tenta promover processos que envolvam o indivíduo e seu ambiente social, ajudando-o a superar a adversidade (e o risco), a adaptar-se à sociedade e ter melhor qualidade de vida" (INFANTE, 2005).

3 A resiliência na docência do Ensino Superior

A temática resiliência na profissão docente, historicamente, nem sempre fez parte dos processos de formação e o exercício profissional dos docentes no ensino superior, uma vez que este universo de certa forma era moldado dentro da lógica da normalidade de valorização do mercado de trabalho. Por isso, em situações adversas ou eventos extremos o profissional no exercício de sua função se coloca muitas vezes diante da incógnita: O que fazer? Uma das alternativas é não descolar o exercício da profissão docente de uma visão macro do processo que vive a humanidade.

Timm, Mosquera e Stobäus evidenciam que a humanidade no momento histórico atual vive os impactos dos avanços tecnológicos, porém a promessas de redenção da humanidade advindas da modernidade não proporcionou ao ser humano a concretude da paz e da felicidade. "O que se viu, no entanto, foi o aumento da miséria, da exclusão social, da banalização da crueldade e do medo, a despeito de tanto progresso científico no mundo científico, tecnológico e do capital" (2008, p.39).

Diante da complexidade que envolve o trabalho docente na contemporaneidade, Andrade, Fernandes e Bastos (2013, p. 47) comentam: "O professor universitário vem modificando sua relação com o trabalho como elementos de um conjunto mais amplo no contexto no ensino superior, no Brasil". As autoras advertem que muito das características das dinâmicas do mundo do trabalho encontram-se presentes nas organizações voltadas ao ensino superior. Contextualizando apontam para as incertezas que rondam as instituições de ensino, a competitividade, a subremuneração, o confinamento de professores ao exercício das

atividades de ensino relegando a pesquisa e a extensão para um segundo plano, principalmente nas instituições privadas, projetos de interiorização das universidades nem sempre em consonância com uma infraestrutura adequada. Todas estas questões colocam em pauta o comprometimento do professor com a sua carreira, ou seja, a relação do professor com a sua atividade docente, torna-se um fator importante para o seu bem-estar. Desse modo, "o conceito de comprometimento com a carreira indica o grau em que o trabalhador se define na vida por meio da sua profissão, ligando-se afetivamente a um tipo de trabalho" (Idem, p.48).

Este contexto não pode ser mais pensando de forma unilateral, mas construído com os pressupostos de outra racionalidade. O que se observa é que diante das políticas neoliberais que se inserem no bojo das políticas do ensino superior, as atividades docentes encontram-se de certa maneira engessadas nos pressupostos de uma formação voltada ao mercado. As universidades dentro deste contexto abraçam ao ideário de uma racionalidade instrumental. Trazer a resiliência para o exercício da profissão docente no ensino superior leva a trilhar em busca de uma universidade pautada em uma racionalidade emancipatória, ou seja, tendo por horizonte pressupostos de uma perspectiva ecológica e da ecopedagogia.

Na opinião de Santomé (2006), o trabalho docente é mais rico quanto mais os professores tenham aprendido a investigar e a trabalhar em equipe e sejam capazes de refletir e colaborar com os seus colegas. Para o autor, já não basta instruir e só com professores reflexivos é possível criar práticas reflexivas capazes de motivar os seus alunos. Acredita-se que este pensamento vem reforçar os pressupostos para refletir e resiliência no contexto da educação superior, pois grande parte das matrizes curriculares dos cursos continuam fragmentadas e os projetos desenvolvidos por um grande número de docentes são isolados de um projeto de sociedade mais amplo. Ao levar em consideração essa relação com o contexto mais amplo, Paulo Freire faz a seguinte conexão desta com a formação e atuação docente:

> É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógica-progressista, que não se faz somente com ciência e técnica (FREIRE, 2004, p. 120).

As relações afetivas que estes professores estabelecem com os seus alunos, no ambiente universitário, nas atividades de ensino pesquisa e extensão são a principal motivação para o exercício da profissão e são elas que estimulam a sua capacidade de resiliência, já que

surgem como principal fator de sua promoção, mesmo diante de toda a complexidade e das adversidades que o docente enfrenta no ensino superior. No entanto, não basta somente ativar as relações afetivas para que haja resiliência na profissão docente, é importante identificar outros fatores promotores de resiliência nas escolas do agrupamento, porque a resiliência não é "responsabilidade única do indivíduo, mas de toda a ecologia que o rodeia" (INFANTE, 2005, p. 34), e é um "processo complexo que resulta da interação do indivíduo com o seu meio ambiente" (ANAUT, 2005, p. 44). Não podemos obter avanços significativos em termos educacionais se não trouxermos em pauta o ser humano professor e o professor profissional de forma integrada.

Considerações finais

Considerando o contexto da docência no qual o professor de ensino superior está/esteve inserido(a), que situações têm se apresentado/se apresentaram como significativas no sentido de provocar adversidade/dificuldade? O que se pode fazer para superar estas situações de dificuldade?

O atual contexto da sociedade é marcado pelas incertezas e constantes mudanças, provocando desestabilidade permanente nos envolvidos no processo formativo. A Universidade é um espaço de formação, de investigação e pensamento crítico; mas, precisa evoluir para além do conhecimento acadêmico. É necessário também contribuir com a formação de valores, valorizando sua cultura, intentando avançar para o nível da construção dessas pessoas envolvidas no processo formativo universitário. Diante desse contexto, Hernandez e Betancor apresentam uma possibilidade para as universidades: a resiliência; e para que essa seja desenvolvida, as organizações necessitam ser "una entidad colectiva y flexible" (2012, p. 118).[2] Coletiva por estar constituída por um contingente de pessoas; e flexível porque necessita estar aberta às necessidades de superação dos momentos de crises/adversidades, visando à possibilidade de universidades resilientes. Para tanto, as autoras destacam algumas ideias que podem contribuir para a constituição de universidades resilientes, quais sejam: o otimismo, a exigência; e os pilares da resiliência (fatores pessoais, relacionais e comunitários), visando "el oficio de construir personas" (Ibid., p. 120).[3]

[2] "uma entidade coletiva e flexível."
[3] "o ofício de construir pessoas."

Um dos propósitos da Universidade tem a ver "con la formación de profisionales capaces de desarrollar investigaciones innovadoras" (Ibid., p. 121).[4] E, diante deste objetivo, para muitos estudantes, a

> manera de hacer ciência más cercana a la experiência y cuidadosa com el fenómeno que estudia es lo que há permitido hacer emerger los processos resilientes presentes em las personas y las comunidades, desde uma visión preciativa, colaborativa y reflexiva (Id. ibid.).[5]

Os investigadores necessitam prepararem-se para saber lidar com o inesperado, com as incertezas, com as diferentes verdades, despertando ainda mais sua curiosidade pelo processo investigativo que está sendo desenvolvido. Ou ainda de acordo com as autoras "el enfoque de la resiliencia nos invita a entender el mundo y a los seres vivos como sistemas abiertos, dinámicos, irregulares e impredecibles, por lo que solo pueden ser entendidos desde la interdisciplinariedad y la cooperación" (Ibid., p. 122).[6]

O texto destaca algumas características das instituições educativas resilientes, tais como: a participação significativa de seus integrantes por meio da aprendizagem cooperativa, sendo que esta contribui para que os estudantes sejam capazes de serem autores de seu próprio processo de aprendizagem; desenvolvendo a colaboração ao invés da competitividade, a tolerância diante da diversidade e a cooperação grupal (p. 123-124). Neste contexto, o professor assume a função de *mediador* entre os alunos e o conhecimento, auxiliando-os a pensar de forma crítica e participativa; sendo necessário o desenvolvimento de um *contexto de aprendizagem seguro* (p. 124). Nesta proposta de processo educativo, os alunos devem se envolver efetivamente, opinando, inovando, respeitando os limites e/ou regras estabelecidos, a fim de que os objetivos propostos sejam alcançados.

Referências

ANAUT, M. **A resiliência - Ultrapassar os traumatismos**. Lisboa: Climepsi Editores, 2005.
ANDRADE, Rayana Santedicola; FERNANDES, Sonia Regina Pereira; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. Bem-Estar subjetivo e comprometimento coma carreira: examinando

[4] "com a formação de profissionais capazes de desenvolver pesquisas inovadoras."
[5] "maneira de produzir ciência mais próximo da experiência e cuidadosa com o fenômenos que estuda é o que tem permitido emergir os processos resilientes presentes nas pessoas e nas comunidades, desde uma perspectiva apreciativa, colaborativo e visão reflexiva."
[6] "a abordagem da resiliência nos convida a compreender o mundo e os seres vivos como sistemas abertos, dinâmicos, irregulares e imprescindíveis, que só podem ser compreendidos a partir da interdisciplinaridade e da cooperação."

suas relações entre professores do ensino superior. **Revista de Psicologia.** Fortaleza, v.4, n.2, p.46-70, jul-dez, 2013.

ANTUNES, C.M.V. **Abuso sexual na infância e adolescência**: Uma leitura narrativa do impacto e dos processos conducentes à resiliência. Universidade do Minho. Tese de doutoramento, 2010.

BELTRÁN, A. L.; IGEA, D. R. y AGUSTÍN, J. A. **Bases metodológicas de la investigación educativa.** Barcelona: Ediciones Experiencia, S. L., 2003.

CORREIA, Ana Paula Azevedo Gomes. **Estudos curriculares e desenvolvimento profissional de professores:** A resiliência na profissão docente. Dissertação de mestrado. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Instituto de Educação. Universidade do Minho. out. de 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GROTBERG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. In A. Melillo y E. N. S. Ojeda, E. et al. **Resiliência:** descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 15-22.

HERNÁNDEZ, María Dolores García; BETANCOR, Ángela Torbay. Universidad y Resiliencia. Metamorfosis del potencial humano. Los desafíos de la Universidad desde el enfoque de la Resiliencia. In: FORÉS, Anna y GRANÉ, Jordi. **La resiliencia en entornos socioeducativos.** Sentido, propuestas y experiencias. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones, 2012.

INFANTE, F. A Resiliência como Processo: uma revisão da literatura recente. In.: MELILLO, A., & OJEDA, E. N. S. **Resiliência:** descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Arimed Editora, 2005, p. 23-38.

JARDIM, J. & PEREIRA, A. **Competências pessoais e sociais**: Guia prático para a mudança positiva. Porto: Edições Asa, 2006.

MACIEL, A. M.R.Verbete. In: MOROSINI, Marília Costa (Editora-Chefe). **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**: glossário, v. 2. Brasília: INEP, 2006, p. 386.

MELILLO, A. y OJEDA, E. N. S. **Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas**. – 1. ed. 6ª reimp. – Buenos Aires: Paidós, 2008.

OJEDA, E. N. S. Una concepción latinoamericana: la resiliencia comunitaria. In: MELILLO, A. y OJEDA, E. N. S. **Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas.** – 1. ed. 6. reimp. – Buenos Aires: Paidós, 2008.

RODRIGUEZ, D.H. O humor como indicador de resiliência. In.: MELILLO, A., & OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Arimed Editora, 2005, p. 131-138.

SANTOMÉ, J.T. (2006). **A desmotivação dos professores**. Mangualde: Edições Pedago.

TIMM, Edgar Zanini; MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dietter. Resiliência: necessidade e possibilidade de problematização em contexto de docência. **Educação.** Porto Alegre, v.31, n.1, p.39-45, jan./abr. 2008.

TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. In.: TAVARES, José (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

TIMM, Edgar Zanini; MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBAUS, Claus Dietter. Resiliência: necessidade e possibilidade de problematização em contexto de docência. **Educação,** Porto Alegre, v.31, n.1, p.39-45, jan-abr, 2008.

VYGOTSKY, l. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

YUNES, M. A. M. & SZYMANSKI, H. Entrevista Reflexiva & Groud-Theory: Estratégias metodológicas para a compreensão da resiliência em famílias. **Revista Interamericana de Psicologia,** Vol. 39. Núm. 3. 2005. Disponível em: <www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIPO/36a0/Ripo_3950.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2011.